

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL - CÂMPUS FELIZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

**ESPIRITUALIDADE COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA
E SOCIAL**

MARIA BEATRIZ ZANONATTO

**Feliz, RS
Dezembro de 2016**

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL - CÂMPUS FELIZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

MARIA BEATRIZ ZANONATTO

ESPIRITUALIDADE COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA E SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Especialização em Gestão Escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientador: Prof. Rogerio Foschiera

FELIZ, RS
Dezembro de 2016

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL - CÂMPUS FELIZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

MARIA BEATRIZ ZANONATTO

ESPIRITUALIDADE COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA E SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Especialização em Gestão Escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientador: Prof. Rogerio Foschiera

Aprovada em...../...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Plínio Guimarães Fachel – IFRS/Feliz

Prof. Me. Matheus Milani – IFRS/Feliz

Prof. Dr. Rogerio Foschiera (Orientador)

RESUMO

A presente monografia refere-se a uma pesquisa bibliográfica que busca refletir e questionar sobre práticas alternativas a serem desenvolvidas no ambiente escolar e não escolar, que venham a favorecer a formação cidadã do estudante e investigar *qual a contribuição da espiritualidade, como meio de transformação da sociedade a partir da ética* e o papel da gestão democrática no que se refere a mudança de paradigmas que propiciem a implantação de práticas que venham a contribuir na **formação** do ser. Desenvolver práticas que desperte nas pessoas a importância da espiritualidade não como religiosidade, mas como uma forma de desenvolver valores humanos universais, e a busca da harmonia consigo mesmo e com o outro, a conexão com os seres vivos e com o meio ambiente, como requisitos básicos para a **educação** integral do ser humano e como formas de solucionar os conflitos e a agressividade. Na presente pesquisa são apresentadas ideias sobre espiritualidade, religião, autoconhecimento, princípios e valores e sugestões de aplicabilidade não só em ambientes escolares como empresas em ambientes que envolvem o trabalho coletivo, a fim de desenvolver habilidades de convivência com base nos quatro pilares da educação e no resgate de valores.

Palavras-chave: educação; espiritualidade; gestão

ABSTRACT

This monograph refers to a bibliographical research that seeks to reflect and question about alternative practices to be developed in the school and non-school environment, which will favor the student's citizen education and investigate the contribution of spirituality as a means of transforming the Society based on ethics and the role of democratic management in what concerns the change of paradigms that propitiate the implantation of practices that contribute to the formation of the being. Develop practices that awaken in people the importance of spirituality not as religiosity, but as a way of developing universal human values, and the pursuit of harmony with oneself and with others, the connection with living beings and with the environment, as requirements Basic principles for the integral education of the human being and as ways of resolving conflicts and aggression. In the present research are presented ideas about spirituality, religion, self-knowledge, principles and values and suggestions of applicability not only in school environments as companies in environments that involve the collective work, in order to develop coexistence skills based on the four pillars of education and In the redemption of values.

Keywords: education; spirituality; management

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
1.1 Justificativa.....	7
1.2 Tema e Problemática da Pesquisa	8
1.2.1 Objetivos gerais	8
1.2.2 objetivos específicos	8
1.3 Metodologia.....	9
2. Referencial Teórico	10
3. Conclusão.....	36
4. Referências	43

1. INTRODUÇÃO

Partindo-se da ideia de que com o avanço tecnológico aumentou consideravelmente as trocas interpessoais dadas à facilidade ao acesso à internet, constatamos que as pessoas nunca estiveram tão distantes e com tanta dificuldade de aproximação, o que vem afetando os relacionamentos de toda ordem. Percebe-se a necessidade de uma mudança de paradigmas na Gestão Escolar, a partir do desenvolvimento de uma visão mais holística que favoreça o processo de formação e de conhecimentos mais profundos, que favoreçam o processo de formação do ser humano através da espiritualidade.

O conhecimento não deve limitar-se às disciplinas que aprendemos na escola, nem tampouco à avalanche de informações lançadas nas redes sociais. Muito comum, nos dias atuais, as pessoas absorvidas pela tecnologia cada vez mais atraente, mas que de certa forma torna as pessoas mais egocêntricas com percepção restrita de mundo, comparada ao período da infância, “o importante sou eu e meu umbigo”, normal nessa fase. Porém com a maturação essa visão de mundo deve ser ampliada por que é importante saber que o nosso desenvolvimento está ligado à interação com pessoas, objetos do mundo e à organização de todas essas questões internamente. (Gente que educa, 2015).

A partir de Torres (2014), podemos distinguir educação, ética, formação e instrução:

EDUCAÇÃO: envolve, além da instrução, também a formação, e, por isso, não se restringe somente ao desenvolvimento de competências e habilidades, mas, sobretudo, o ser humano como um todo, também em sua formação afetiva e moral.

ÉTICA: no sentido aqui vinculado refere-se à busca pelo domínio de si, postulando a capacidade do ser humano de desenvolver um núcleo referencial conquistado pelo permanente cultivo de si. Na tradição que vai de Aristóteles à Kant, passando por Rousseau, o domínio de si é condição para a constituição do caráter do agente.

FORMAÇÃO: visa aprimorar o ser humano e o envolve por inteiro, desenvolvendo suas capacidades como um todo. Refere-se ao processo da formação de si mesmo na companhia dos outros e na referência com as coisas.

INSTRUÇÃO: dimensão da educação voltada para melhorar a esfera dos saberes culturais, instrumentais e científicos; faz-se preponderantemente pela transmissão e aprimora a dimensão cognitiva do ser humano. Restringe-se de modo geral ao desenvolvimento de competências e habilidades.

1.1 JUSTIFICATIVA

Em meio a essa problemática há a necessidade da construção de novas atitudes e valores, onde as redes sociais possam ser aliadas ao processo educacional no sentido de compartilhar reflexões de forma que venha a favorecer na formação do ser e que não se limite à intelectualidade, mas principalmente no âmbito espiritual. (Ribas, 2015).

O resgate da moral e do respeito, frente à falta de limites às crianças e aos adolescentes por parte de seus responsáveis se apresentam em forma de agressividade cada vez mais no ambiente escolar.

Para a educação atual surge a necessidade de promover ações que favoreçam a reflexão e a introspecção de crianças e adolescentes de forma mais intensa no que se refere ao autoconhecimento e ao desenvolvimento de uma visão mais humanística e espiritual. É importante revisar estudos realizados por renomados estudiosos da educação que visam a formação integral do ser humano com base nos valores e no desenvolvimento da espiritualidade.

Esse distanciamento entre as pessoas vem afetando os relacionamentos de toda ordem. Percebe-se a necessidade de um novo olhar, uma visão mais holística do educador, da gestão, que venha a favorecer o processo de formação do ser humano através do desenvolvimento de valores e dos princípios espirituais.

1.2 TEMA E PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Partindo-se do pressuposto que a adolescência é um período conturbado de indefinições e de riscos, o adolescente passa por momentos de grandes transformações em que pode se tornar mais vulnerável aos inúmeros eventos estressores que se apresentam que podem mexer com sua autoestima e fazer com que caia nas armadilhas de uma falsa felicidade.

Educação com base nos valores humanos constitui os organizadores da ação do professor em torno do amor, da paz, da ação correta, da não violência e da verdade, que podem ser estruturadas atividades e conteúdos ligados aos conceitos, procedimentos e atitudes de diferentes áreas ou disciplinas.

Segundo a autora Martinelli (1999), que responde a dúvidas e questionamentos de professores de diferentes estados brasileiros, quando um professor consegue ver “com os olhos do coração”, muda a percepção de si, do semelhante e do mundo, e desperta para o que é real e verdadeiro na existência. O mundo está revendo conceitos, unificação planetária, superação de dogmas, intolerâncias para adequação de nova cultura mundial.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVOS GERAIS

Tecer diálogos, por meio de uma revisão bibliográfica, entre alguns autores sobre propostas que possam dar um norte ao caminho de transformação para desenvolver processos de humanização que visem a formação do ser além da intelectualidade, a partir do autoconhecimento e da autoconfiança e da ampliação da sensibilidade interpessoais e intrapessoais, a fim de estreitar relacionamentos, para que se possa investir mais na cultura do “ser” e não do “ter” e auxiliar na resolução de conflitos na sociedade, em todos os setores da vida humana.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Reconhecer a importância do trabalho prático por meio da corporeidade, que possa estimular o contato consigo mesmo e com o outro privilegiando uma visão universal e multidimensional do ser estabelecendo o equilíbrio por meio do movimento corporal e tranquilidade mental.

- Relacionar corpo, movimento e educação nas dimensões física, emocional-afetiva e mental-espiritual em crianças, adolescentes e adultos.
- Valorizar a socialização, interação e cooperação em que seres humanos se engajam no sentido de evolução no processo de humanização contínua, e que esta se estenda a todos os envolvidos no ambiente escolar e que possa ir além, aos familiares ou responsáveis, nos casos que envolvem crianças e adolescentes.
- Promover a compreensão e o acesso ao conhecimento pelo qual nos tornamos humanos a fim de estabelecer a relação entre valores e respeito ao outro.
- Conscientização dos princípios universais de harmonia e equilíbrio interior, e com o outro, visando o resgate dos valores.
- Aproximar a família da escola para interagir na resolução dos problemas através da sua participação nas atividades práticas e lúdicas proporcionadas pela escola.

1.3 METODOLOGIA

A partir de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica e de minha trajetória de vida, trago uma ética milenar que vá além de religiões e por defender a autonomia e o respeito mútuo entre crentes e não crentes por entender que para que aconteça a paz entre as pessoas e os povos é preciso desenvolver um olhar humanista que vise a dignidade e os direitos humanos.

Vejo a Ética Yogue como uma filosofia de vida que pode contribuir para a transformação da sociedade na medida que for reconhecida como um dos caminhos que favorecem o desenvolvimento integral do ser humano, dentro de uma perspectiva holística que vise o todo. E por acreditar que além de ajudar a superar os dilemas do que é certo e o que é errado, devido a variedade de culturas, fornece uma estrutura para desenvolver a harmonia mental, a expansão da consciência, o discernimento para manter o equilíbrio interno e externo, isto é, consigo e com o outro, através dos princípios de harmonização interna e das práticas de meditação que trabalham a subjetividade do ser. Todas as transformações passam pela educação e pela gestão para então se expandirem aos demais setores da vida.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

Como educadores, precisamos nos abrir no sentido de contemplar as exigências do novo milênio, de uma educação que propicie não apenas a inserção ao mercado de trabalho, mas principalmente voltada para conexão entre saberes dentro de uma perspectiva voltada para o desenvolvimento humano. Com foco numa abordagem transdisciplinar para defender a espiritualidade como um conjunto de qualidades, habilidades, princípios e valores que se refletem em aprimoramento nos atos, palavras e nas ações das pessoas que fazem parte do contexto escolar, uma vez que ainda nos dias atuais prevalece a dificuldade em distinguir espiritualidade de religiões. (Marques; Rigo, 2014).

Os conceitos de Espiritualidade e Religiosidade são aqui expressos com base em um estudo de cunho teórico, em que oferece uma revisão de estudos científicos atuais que traz uma revisão da literatura de várias áreas, inclusive da Psicologia Positiva sobre o tema. São comentados alguns autores clássicos como Wundt, Maslow e James e a diferenciação sobre religiosidade e espiritualidade, semelhanças e antagonismos.

Enfim, muitas são as teorias e os pressupostos sobre religiosidade e espiritualidade e é improvável que qualquer definição única satisfaça e, segundo consta nas considerações finais deste trabalho. percebe-se que embora o tema tenha se revelado abrangente e, portanto ainda se tem muito a aprofundar as bases psicológicas no que diz respeito às crenças e valores.

Atuei num período de três anos como Conselheira Tutelar no município em que eu morava e nesta trajetória pude perceber que nas escolas tem sido pouco explorado de forma mais aprofundada a questão dos valores com enfoque espiritual. Os resultados desta carência são visíveis e sentidos no ambiente escolar e aparecem nas mais variadas forma de conflitos e agressividade.

Frente a esta problemática a presente monografia busca revisar estudos realizados por renomados estudiosos da educação que primam pela formação integral do ser humano com base nos valores e no desenvolvimento da espiritualidade a fim de questionar e compreender qual a contribuição da espiritualidade como meio de transformação humana, com o objetivo de aprimorar processos sociais, econômicos

e culturais em que a escola e educadores possam ressignificar seus papéis para poder acompanhar o percurso das crianças e adolescentes através do desenvolvimento da espiritualidade no ambiente escolar como meio de modificar essa realidade.

Com a Revolução Industrial houve um grande avanço no campo das ciências e da tecnologia, esse novo contexto da vida moderna, exigiu do ser humano o menor grau possível de dependência, tendo como consequência uma sociedade mais competitiva e com alto grau de depressão.

Supõe-se que o sofrimento interior se deve à relação entre o imediatismo e o conflito interno. O grande desafio do momento é buscar o equilíbrio entre a harmonia interna e os benefícios do progresso material.

Dalai Lama (2002) nos aponta como caminho uma revolução espiritual, a qual acarreta em uma responsabilidade ética, não uma crença religiosa, mas uma prática de princípios de harmonização interior e exterior. Devido à diversidade humana, uma única religião não pode contemplar uma felicidade duradoura, é preciso ao ser humano uma reorientação para que este possa compreender a estreita relação entre nós e o mundo em que habitamos.

Assim como no nosso corpo, uma célula depende de outra para o bom funcionamento, a ética torna-se um fator indispensável para mediar o desejo individual de ser feliz, sem prejuízo do todo, pois o Planeta é um organismo vivo.

Uma vez que a espiritualidade não deve ser vista apenas como religiosidade, mas como uma forma de se autoconhecer e de se desenvolver, são necessários valores humanos universais para estar em harmonia consigo mesmo e com o outro e em conexão com os seres vivos e com o meio ambiente.

Num momento em que há uma grande inversão de valores, gerando conflitos e agressividade no ambiente escolar, torna-se imprescindível que a Gestão Escolar busque formas de mobilizar o desenvolvimento espiritual com base nos valores e na ética como aliados aos processos educacionais para mediar conflitos.

Em outro capítulo de seu livro, Dalai Lama (2002) fala da necessidade de disciplina e a dificuldade de compreensão da palavra, pois em geral as pessoas associam a alguma coisa que é imposta contra a vontade. Porém a disciplina ética é algo que se adota voluntariamente, levando em conta o pleno reconhecimento de seus benefícios.

Piaget em seu livro: “Estudos Sociológicos” refere-se a um dos valores universais absolutos, que na sociedade contemporânea carece, por estarmos vivendo um momento de extrema inversão de valores, em que a competitividade substitui a cooperação:

[...] a cooperação está vinculada à interação a qual requer a formação de vínculos e a reciprocidade afetiva dos sujeitos do processo de aprendizagem. As interações interindividuais possibilitam a modificação do sujeito na sua estrutura e do grupo como um todo, não em caráter somatório, mas em uma perspectiva de formação de um sistema de interações. (PIAGET, 1973, p.32).

Por cerca de quase 2000 anos houve associação entre os cuidados da área da saúde, a ciência que cuida do corpo, a medicina, e as práticas religiosas ou de espiritualidade, expandindo-se para a área de educação, a ciência que cuida da alma.

Dentro dessa visão de habilidade do “Cuidar”, característica inata do processo de desenvolvimento, de evolução e um dos propósitos que visam a manutenção e preservação da vida, constitui-se em um dos fundamentos para desenvolver e aprimorar a espécie humana.

Leonardo Boff (2011, p. 13), em seu livro “Saber Cuidar” comenta sobre o Tamagochi. Quem não se lembra de ter alguma criança ou jovem, na família ou amigos, que tivesse um para cuidar. Invenção japonesa do início de 1997, chaveirinho eletrônico que abriga dentro de si um bichinho de estimação virtual que depende do cuidado de seu dono, pois sente sono, fome, chora, enfim tantas outras necessidades e pode até morrer. O brinquedo virou uma mania e segundo um cronista carioca definiu: “solidão”, seu codinome é tamagochi. Apesar da desumanização, anuncia também que a essência humana não se perdeu, porém está na forma de cuidado transferido para um aparelho eletrônico ao invés de investir em pessoas concretas a nossa volta.

O autor traz uma proposta inspiradora para um novo paradigma de convivialidade frente a nossa civilização agonizante pela falta de cuidado, estigma de nosso tempo. E sobre o cuidado ele ressalta:

Sonhamos com um mundo ainda por vir, onde não vamos mais precisar de aparelhos eletrônicos com seres virtuais para superar nossa solidão e realizar nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as

crianças, os velhos, os moribundos, cuidado com as plantas, os animais, as paisagens queridas e especialmente cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos com o cuidado assumido com o *ethos* fundamental do humano e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação. (BOFF, 2011, p.13).

O sintoma da falta de cuidado se traduz em um difuso mal estar da civilização que se manifesta em diversos setores da sociedade, envolvendo a todos numa série de descuidos nas dimensões física e espiritual.

Diante desta situação de descaso muitos se rebelam e perdem a esperança, por sentirem-se impotentes, outros perdem a fé na capacidade de regeneração do ser humano e de projeção de futuro promissor. Outros têm fé, porém, por não propor soluções adequadas aos sintomas da doença coletiva tratam apenas dos sinais e não da causa das mazelas.

Cabe então nos perguntar: a religião, que torna as pessoas mais piedosas, consegue corrigir por si só esse momento da humanidade? Certamente reforça e revitaliza a dimensão da existência, mas é a espiritualidade subjacente a ela que possibilita subsídios para compor alternativas para um novo paradigma civilizatório, porque é ela que une, liga, religa e integra. Diante da busca de soluções uns pensam que precisamos de mais educação, formação e informação, outros tem a opinião de que para resolver a crise é preciso reforçar a moral e a contenção de costumes. Propostas sugestivas, mas que não vão à raiz da questão essencial porque ao analisar profundamente descobrimos que por trás da modernidade científico-técnica funciona a filosofia: *o realismo materialista*.

Chama-se de *realismo* a esta filosofia porque imagina que as realidades existem como objetos independentes do sujeito que as observa. Elas, na verdade, não são independentes. Não há objeto sem sujeito e sujeito sem objeto. Há a unidade sagrada da realidade que, como num jogo, sempre inclui a todos como participantes e jamais como meros espectadores. Este realismo é pouco realista porque reduz o âmbito da realidade, ao não incluir nela o fenômeno da subjetividade, da consciência, da vida e da espiritualidade. (BOFF, 2011, p. 23).

Povos e culturas desde tempos imemoriais veneravam a realidade do divino, que impregna todo o universo, a espiritualidade era cultivada com a visão interior de união, porém nos quatro últimos séculos surgiu uma humanidade cega a essas dimensões que conseqüentemente encurtou a “realidade de mundo”, que se limitou aos cinco sentidos.

Filosofia antiga, esta que pressupõe que a matéria (átomos, partículas elementares, vácuo quântico etc.) constitui a única realidade consistente e que os demais fenômenos são derivações secundárias dela. Sobre essa filosofia (BOFF, 2011, p. 24) nos diz:

Não assimilou ainda o fato de que a matéria não é simplesmente “material”, mas é energia estabilizada, cheias de interações complexas. A matéria, como a filosofia da palavra sugere é mãe de todas as coisas, até da vida que é a auto-organização da matéria. Ainda não se criou a ideia de que o visível é parte do invisível.

Hoje a física quântica demonstrou que tudo está conectado e que o universo é consciente, estudos cosmológicos demonstram que este é inconsistente sem a existência de um espírito sagrado e uma mente infinitamente ordenadora.

Percebe-se que se apresenta uma nova filosofia: holística, ecológica e espiritual e com ela uma alternativa para superar a falta de cuidado, que conduz a desconexão com o todo, e assim devolver ao ser humano a consciência de sentimento de pertença à família humana, à terra, ao universo e ao propósito divino. Surge então a necessidade urgente de se refletir com atenção sobre estas questões. Vejamos o que diz Boff (2011) sobre a construção desse novo estado de consciência como alternativa na busca de outros caminhos.

É a pré-condição para gestarmos uma atitude de maturidade e de sabedoria que nos ajudará a buscar outros caminhos, diferentes dos já trilhados até agora. Após séculos de cultura material, buscamos hoje ansiosamente uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções. (BOFF 2011, p. 24-25).

É notável e decisiva para a formação de um sujeito com caráter virtuoso uma educação que tenha por base o exercício de bons hábitos que leve o indivíduo a distinguir e até preferir o que é correto visando o todo. Sabe-se também que não basta apenas conhecer as virtudes, mas é necessário “esforçar-nos por possuí-las e colocá-las em prática” para assim enraizá-las no seu caráter.

A relação entre ética e educação ocorre com a formação de bons hábitos em consonância com a virtude, daí a importância que seja cultivada desde a mais tenra idade. A virtude uma vez adquirida permanece no homem de forma estável tornando-

se mais fácil a sua prática no cotidiano. Portanto sendo a aprendizagem da virtude moral de ordem prática o sujeito não pode ser ensinado no sentido de transmissão, nem por meio de palavras, mas demanda uma aprendizagem exercitada de forma constante pelas vivências e no engajamento com outras pessoas. Sobre esta questão Torres (2014), nos recorda de Aristóteles:

As ações humanas devem ser desenvolvidas em correspondência a determinados hábitos, o que faz Aristóteles observar que “não será pequena a diferença [...] se formarmos os hábitos de uma maneira ou de outra desde nossa mais tenra infância, ao contrário, ela será de uma importância muito grande, podemos dizer mesmo decisiva” (1959, II 1 1103b). O hábito requer fundamentalmente um cultivo de si, constituindo-se no principal mecanismo para educar o indivíduo na prática a virtude. (TORRES, 2014, p.474).

Dentro desta mesma linha de pensamento está a psicóloga Regina Célia Sarmiento, em sua Monografia: Psicologia Transpessoal e Espiritualidade (2009). Ressalta que atualmente o aspecto transpessoal é evidente no campo da Psicologia como algo que ressoa além do corpo, da emoção e da inteligência, tornando assim possível o diálogo sobre experiências de vivências da transcendência e da espiritualidade reconhecidos como caminhos de autoconhecimento e de transformação humana.

Martinelli (1999), que responde a dúvidas e questionamentos de professores de diferentes estados brasileiros, diz que quando um professor “vê com os olhos do coração” muda a percepção de si, do semelhante e do mundo, e desperta para o que é real e verdadeiro na existência. O mundo está revendo conceitos: unificação planetária, superação de dogmas e intolerâncias para adequação de nova cultura mundial.

Dalai Lama (2000) diz com a sabedoria de um Líder espiritual: “Se todas as crianças de oito anos aprenderem meditação, nós eliminaremos a violência no mundo dentro de uma geração”. Segundo ele, os problemas hoje enfrentados na escola, como comportamentos agressivos, de desrespeito, se devem à falta de trabalhos voltados às questões subjetivas, visto que a escola desempenha papel importante na formação das crianças para se tornarem adultos independentes e responsáveis.

Em vista de a educação no Brasil atualmente ainda seguir um modelo tradicional, ainda não é dada a devida atenção às questões subjetivas como inteligência emocional e técnicas de desenvolvimento pessoal e concentração que

podem ser trabalhadas na escola como solução aos problemas de comportamentos de aprendizagem e de rendimento escolar.

Na escola fala-se muito em desenvolver no aluno a autonomia, porém na prática percebe-se que ainda há essa carência no que diz respeito a formação integral do ser. É necessário que a educação atual invista mais no desenvolvimento das faculdades intelectuais superiores. Segundo Kant, herdeiro da tradição rousseauiana a educação é a mais árdua de todas as tarefas humanas. Nas palavras de Torres (2014):

Fazendo eco nitidamente à terminologia rousseauiana, Kant divide a educação em duas dimensões: a física e a prático-moral. A física ocupa-se da formação do homem no que diz respeito à sua natureza. Esta subdivide-se em educação do corpo e do espírito (intelectual). A primeira visa aos cuidados da criança, ao desenvolvimento de suas forças e ao cultivo de suas faculdades sensitivas. A segunda abrange as faculdades intelectuais inferiores (a memória, a engenhosidade e a imaginação, entre outras) e o desenvolvimento das faculdades intelectuais superiores, (o entendimento, o juízo e a razão). A educação prático moral trata da formação do homem a respeito de sua liberdade; visa a seres que ajam livremente, que tenham capacidade para pensar e agir de forma autônoma, conforme princípios universais. A educação prático moral funda-se em princípios, o que pressupõe já certa maturidade psicológica e educativa do sujeito, visa a liberdade e à dignidade do ser humano. (TORRES, 2014, p.479).

Acredito que se a Gestão Escolar desenvolver uma visão consciente da importância da prática meditativa, como parte do currículo, haverá grande avanço no processo educacional. É notório que contribui para o desenvolvimento da dimensão que compõe as faculdades superiores, ao cultivo das faculdades sensitivas, e a formação integral do ser.

Felizmente algumas escolas brasileiras estão aderindo às práticas de meditação como forma de aprimorar o equilíbrio, diminuir o estresse, melhora não só dos níveis de atenção, mas de aprendizagem e dos relacionamentos. Estudos e experiências científicas tem demonstrado o desenvolvimento da atenção plena através da prática meditativa, inclusive projetos em que a meditação faz parte do currículo escolar.

Um exemplo é o projeto “Educação em Valores, Desenvolvimento Humano e Cultura de Paz”, iniciativa da Secretaria de Educação do Espírito Santo, em parceria com o Instituto Migliori, o Ministério Público do Estado e a Arcelor Mittal.

A responsável por este Projeto, a pesquisadora e neuropsicóloga Regina Migliori, em entrevista ao Portal Namu, esclarece que o programa envolve toda a comunidade escolar. Segundo ela são trabalhados os eixos atenção e emoção, a nível interno; aprendizagem, instância que faz a mediação entre mundo interno e externo e os eixos convivência e decisão, que se referem às ações no mundo, cinco pontos a partir de quatro potencialidades humanas: a felicidade, o altruísmo, o amor e a ética. (Cf. a entrevista na íntegra no Portal Namu.

Nos programas em que a prática meditativa faz parte do processo de ensino-aprendizagem, a metodologia utilizada tem como modelo de inspiração a meditação transcendental, isto é, com concentração na respiração que auxilia na promoção de práticas contemplativas que favorecem o desenvolvimento de uma consciência social, autoconhecimento, valores, enfim com o intuito de oportunizar a cultura da paz e da inteligência ética.

O conceito iogue desta prática meditativa segundo sua terminologia é chamada “dhya’na”, cujo significado é o “fluir da mente”, isto é, um estado de concentração pura, que se desenvolve a partir do esforço e do desenvolvimento da habilidade de aquietar ou direcionar a energia mental. No que se refere ao autocontrole é uma das técnicas mais efetivas.

Experiências científicas e estudos recentes tem demonstrado que técnicas de meditação trazem benefícios para o físico e desenvolve maior capacidade e clareza mental. Segundo o cientista Alberte Szent-Gyorgi, que defende a inter-relação entre as doenças e a mente: “Pouquíssimas pessoas conhecem a verdadeira saúde, porque a maioria está habituada a processos que levam à morte lentamente [...]. O corpo deveria estar intimamente relacionado com a mente”. (ÁNANDAMITRA, 2000, p.5). A autora acima é uma monja ioguina que escreveu o livro: Yoga para saúde integral, com base nos ensinamentos do Mestre yogui indiano Prabhat R.Sarkar.

Interessante como esses princípios de harmonização e equilíbrio interno e com o outro podem ser seguidos por qualquer pessoa independente de suas crenças filosóficas ou religiosas. São universais e atemporais, pois é a essência de filosofias milenares, mas que não perdem sua validade em tempos atuais em que os conflitos nas escolas ocorrem frequentemente.

A milenar ciência do Yoga tem nos revelado que o segredo da saúde está na harmonia entre o físico e a mente. O leitor poderá se perguntar: mas qual a relação

com a educação? Relaciono esta questão à falta de cuidado de ver o ser humano como um ser integral, isto é, quando se pensa em formação humana envolve todos os cuidados necessários, inclusive a saúde.

Penso que a educação que vai além dos conteúdos com base nos princípios, estes deve estar presentes em todas as dimensões do ser humano, visando o bem comum. Os princípios do entendimento, do juízo e da razão estão inseridos na dimensão prático-moral, que segundo Torres (2014): “[...] trata da formação do homem a respeito de sua liberdade; visa a seres que ajam livremente, que tenham capacidade para pensar e agir de forma autônoma, conforme princípios universais”. No que se refere à liberdade em Kant, o autor nos diz:

A educação prático-moral funda-se em princípios, o que pressupõe já certa maturidade psicológica e educativa do sujeito; visa à liberdade e à dignidade do ser humano. Em Kant, cada período da educação deve estar voltado para o fim último da educação, que é a consciência moral racional, fim este relacionado à liberdade. Há uma hierarquia ao processo educativo do indivíduo que indica para tal fim. Desse modo, a educação corporal possibilita à criança desenvolver a habilidade e sua construção como indivíduo; a educação intelectual desenvolve a prudência e as faculdades espirituais, formando homem como cidadão; a educação moral desenvolve a liberdade, forma-o como membro da espécie humana e, em última instância, visa à consciência moral racional. Para Kant, a educação abrange ainda dois aspectos fundamentais: os cuidados e a formação. (TORRES, 2014, p. 479-480).

Semelhante a essa proposta de Kant, a educação neohumanista, com base nos valores, visa desenvolver no ser humano uma consciência universal de ver o outro com respeito aos seus direitos, essa possibilidade encontra-se num processo educacional que valorize o desenvolvimento integral da pessoa. Educação esta, que conduz à espiritualidade não como utopia, mas como uma filosofia prática.

Segundo Shrii Shrii A'nandamu'rti, Mestre espiritual Yogui, (SARKAR, 1982, p.16): “A espiritualidade não é um ideal utópico, mas uma filosofia prática que pode ser exercitada e realizada na vida diária. A espiritualidade representa evolução e elevação e não superstição e pessimismo”. O Mestre refere-se à prática do Yoga com a finalidade de buscar o equilíbrio entre o corpo e a mente e o estado de harmonia consigo mesmo, com o outro e com o universo através da prática da meditação.

Estas e outras experiências que envolvem a expansão da mente ou estar intencionalmente atento ao que ocorre no presente momento sem julgar o fluxo de pensamentos têm sido definidas no ocidente como estado de mindfulness.

De acordo com o texto: *Experiências Práticas de Meditação*, de Cláudio Senna (2015):

Atualmente o termo mindfulness está sendo amplamente abordado em revistas, programas de TV e em organizações. Mas o que significa mindfulness e qual a sua relação com a meditação? Uma das boas respostas é dada por Jon Kabat-Zinn que difunde o conceito há mais de 30 anos nos EUA. Para o pesquisador, mindfulness é definido como um estado da consciência onde se presta atenção, de forma intencional, no presente momento sem julgamentos (Kabat-Zinn, 2013). Portanto, mindfulness pode ser interpretado como uma forma de perceber com atenção um momento ou sentimento, sem negá-lo, aceitando-o, de uma forma imparcial, apenas percebendo, sem suprimir ou reprimir qualquer experiência, pensamento ou sentimento. Com total atenção ao que está acontecendo aqui e agora. Sem o uso de referências a conceitos como “eu” ou “meu”. No estado de mindfulness, lembramos do que nós devemos estar fazendo, percebendo as coisas como elas realmente são e percebendo a natureza de todos os fenômenos. As práticas de meditação são os meios para se chegar a este estado.

Em um momento em que pessoas comprometidas e envolvidas com o processo educacional buscam formas de contribuir para a construção da cidadania desde tenra idade, por meio de práticas que possam fazer parte do currículo, a meditação pode contribuir para o desenvolvimento de valores e a formação integral do ser.

A escola do século XXI, comprometida com a formação integral do educando, a fim de formar pessoas mais conscientes de seus direitos e deveres, autônomas, cidadãos e principalmente mais felizes, visando a harmonia em comum, precisa passar por mudanças de paradigmas a fim de contemplar uma educação renovadora que favoreça a transformação humana.

Para isso é necessário que além dos conteúdos específicos de cada disciplina, temas transversais, relacionados à transformação do todo a partir de cada um, devem fazer parte de todos os componentes curriculares no dia a dia da sala de aula, que venham a agregar princípios básicos que favoreçam a convivência e evolução de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

Sabe-se o quanto o ser humano tem sofrido as consequências do descaso com o planeta, a situação do lixo, da água, das diversas formas de poluição, e tantas outras questões que só poderão ser mudadas através de uma consciência que ultrapasse o ego e os interesses humanos que se resumem nos “ismos”: individualismo, egoísmo, egocentrismo e outros todos muito distantes dos sentimentos de altruísmo e visão do todo que são despertados com o cultivo dos valores.

Acredito que para ocorrer uma mudança que faça a diferença na formação do ser é necessário o desenvolvimento de uma visão holística para o processo educacional.

Sobre esta questão vamos ver o que pensam alguns autores sobre práticas de equilíbrio entre o corpo e a mente, como mola propulsora rumo a uma humanidade mais feliz a partir de um novo olhar para a educação.

Ozmon, em seu livro: Fundamentos Filosóficos da Educação, afirma sobre a relação entre pragmatismo e educação.

Na explosão de conhecimento atual, é impossível para uma pessoa saber tudo, mas é possível entender os princípios gerais de operação da natureza e das condições sociais que servem como guias para a participação. A abordagem pragmatista deve corrigir os excessos da especialização estreita. Ela não se opõe a dividirmos o conhecimento nos elementos que os constituem, mas estimula-nos a coloca-los de volta em um todo reconstruído que dá direção e discernimento novos. Ao atingir essa nova completude, o pragmatismo torna-se humanista e holístico. (OZMON, 2004, p.155)

De acordo com a Filosofia Pragmatista a educação deve ser vivencial por entender ser um processo experimental uma vez que existem sempre coisas novas e diferentes para aprender.

Segundo os pragmatistas, a educação deveria ser um empreendimento experimental, bem como algo que ajudasse na renovação. Ela deveria promover um espírito humano nas pessoas, assim como o desejo de explorar e encontrar novas respostas para nossos atuais problemas em economia, política e em outros aspectos da vida social. A educação deveria promover nossos interesses sociais, o que resultaria em uma diminuição de nossa confiança em simples costumes e tradições valiosos não sejam respeitados e preservados; em vez disso, significa que devemos aprender como resolver nossos problemas de forma inteligente, e não confiar cegamente em nossas tradições. (OZMON, 2004, p.153).

Partindo-se do pressuposto que o mundo está em constante mudança torna-se necessário um método apropriado, experimental e flexível para a educação que atenda as necessidades do mundo atual e favoreça o desenvolvimento da capacidade do indivíduo de pensar e participar de forma inteligente da vida social.

Concordo com a perspectiva de Dewey quando se refere às mudanças na vida social e a reconstrução de programas educacionais para enfrentar os desafios:

Dewey afirmou que uma filosofia da educação não é a aplicação de ideias prontas a todos os problemas, e sim a formação de atitudes mentais e morais

para serem utilizados na abordagem dos problemas contemporâneos. A própria filosofia é a “teoria da educação em suas fases mais gerais”. Quando ocorrem mudanças na vida social, devemos reconstruir nosso programa educacional para enfrentar tais desafios. Dessa forma nossas ideias terão uma função pragmática. A aprendizagem ajuda-nos a responder às mudanças ambientais e também afeta nosso caráter. Assim a educação tem uma influência moral e deve cumprir o papel vital de contribuir para que nos tornemos o tipo de pessoas morais que estão interessadas não apenas em promover nosso próprio crescimento, mas também em promover o crescimento dos outros. (OZMON, 2004, p. 154).

Entendo que para transformar o que está fora temos que primeiro nos transformarmos internamente. Ao longo da existência nós seres humanos vamos repetindo velhas tradições sem mesmo nos questionarmos, razão pela qual a evolução é lenta.

No nosso país impera o capitalismo que educa o povo para que viva a imoralidade, vive-se um momento de extrema competição. Ao escutarmos a palavra “competição” logo pensamos ser um jogo onde há ganhadores e perdedores, porém esse binômio de injustiça está presente em muitos aspectos de nossa vida. Vejamos o que nos diz Brown (1994) em seu livro: *Jogos Cooperativos: teoria e prática sobre esta questão*:

Nossa sociedade transformou-se numa sequência sem fim de competições. Estamos tão envolvidos dentro delas, que às vezes, nem estamos conscientes da competição. Os peixes não refletem sobre a natureza da água: não podem imaginar sua ausência e, portanto, não levam em conta sua presença. O sistema econômico está baseado na competição, igual à educação formal, que desde cedo nos ensina a vencer os outros no processo de conseguir o que se deseja.

Pode-se definir como uma situação de cooperação aquela em que os objetivos dos indivíduos, numa determinada situação, são de tal natureza que, para que o objetivo de um indivíduo possa ser alcançado, todos os demais deverão igualmente atingir seus respectivos objetivos. Uma situação será definida como competitiva quando a realização dos objetivos de um de seus membros impede a realização dos objetivos dos demais. Pode-se comparar essas situações à de duas pessoas que caem de uma lancha na água. A cooperação significa que as duas se salvam ou se afogam. A competição significa que, enquanto um se salva o outro se afoga. Pode-se dizer que, por definição, a competição é uma estrutura de metas mutuamente exclusivas. O êxito de um requer o fracasso do outro. (BROWN, 1994, p.16).

Percebe-se que ao valorizar a competição o homem vê o outro como seu inimigo, prevalecendo a lei da selva em que sobrevive sempre o mais forte, o mais

esperto, dando margem à marginalidade e a opressão, este é o exemplo que as nossas crianças estão presenciando.

Surge então o questionamento: Nós seres humanos somos competitivos por natureza?

Segundo BROWN (1994 p.17,18):

Com frequência, argumenta-se que a teoria da seleção natural de Darwin serve para justificar a competição e a ideia de “ganhar de qualquer jeito”. Não obstante, Darwin mesmo sustentava que, para os seres humanos, o valor mais importante estava na inteligência, no sentido moral e na cooperação social.

Como vemos, temos a possibilidade de exibir diferentes comportamentos. Temos a capacidade de enriquecer ou destruir não somente a nós mesmos como o nosso meio ambiente. Nosso comportamento é o produto dos valores que recebemos socialmente desde pequenos, dos modelos e estímulos que recebemos. Significa dizer que somos produtos de um processo de socialização que nos é ensinado valorizar comportamentos construtivos ou destrutivos.

A antropóloga Margaret Mead fez muitas pesquisas entre vários povos indígenas e concluiu que o comportamento, competitivo ou cooperativo, por parte desses membros desses povos é condicionado pela ênfase das estruturas dentro dessa sociedade. Quer dizer, as metas que os indivíduos perseguem, igual aos meios que usam, são determinados culturalmente. Em resumo os seres humanos não são competitivos por natureza. Aprendem socialmente, desde pequenos, comportamentos competitivos ou cooperativos. (BROWN, 1994, p.18).

Enfim, há exemplos de sociedades em que a cooperação é vista como um valor importante que contribui para que as relações humanas sejam harmoniosas, como por exemplo nas Filipinas, “[...] os jovens não compreendiam o jogo de basquete nas escolas porque, quando a defesa tentava roubar a bola, eles a entregavam”. (BROWN, 1994, p.18). Então podemos concluir que a competição não é algo natural da pessoa, mas uma forma de comportamento adquirido.

A cooperação é um valor importante a ser construído. Acredito como educadora que a busca para criar alternativas de educação deva partir fundamentalmente da cooperação. Como desenvolver a cooperação na educação?

A metodologia cooperativa tem sua base teórica na psicologia social. Ao leitor que tiver interesse em saber mais sobre os efeitos positivos que pode ter uma

estrutura cooperativa sobre o processo de aprendizagem há uma reprodução de um resumo das hipóteses com base nas teorias de Morton Deutsch, comprovadas por ele através de provas experimentais em seu trabalho de 1949. (Cf. BROWN, 1994, p.19).

Com certeza não é tarefa simples uma vez que a competição é um elemento chave e sempre presente em nossa sociedade o que não significa que temos que aceitar automaticamente sem se questionar ou sem criticar.

Sobre esta questão Freire defende que isso se consegue com um método ativo, dialogal e participativo. Freire sustenta que o diálogo é uma relação horizontal entre duas pessoas.

A horizontalidade e o diálogo, segundo Freire, fazem parte da educação popular. Se confrontarmos essas palavras com seus opostos – verticalidade e monólogo – podemos ver que esses fazem parte da dinâmica da competição e da dominação. Freire mesmo fala do oposto do diálogo: o “antidiálogo”. Esse “antidiálogo” implica uma relação vertical (a relação tradicional professor-estudante, patrão-empregado, etc.) e se resume, enfim, à contínua dinâmica do vencedor e do vencido. O diálogo não se consegue automaticamente: é uma permanente busca da educação popular. (BROWN, 1994, p. 21).

Outra questão importante é ter consciência de que a cooperação na educação não se limita a situações da sala de aula, mas pode ser incorporada por grupos organizados, associação de vizinhos, associação de bairros e outros melhorando a convivência entre as pessoas. A cooperação é um dos valores entre tantos outros que podem ser trabalhados na educação, motivados por educadores que vão além de uma visão tradicional e limitadora dos conteúdos, mas com base no diálogo horizontal. BROWN (1994, p. 21), concorda com Freire quando diz que: “Como educadores temos que criar condições para o diálogo, para que seja gerada a criticidade”.

Leonardo Boff, (2009, p.26), em seu livro: Ethos Mundial salienta a necessidade de superar o paradigma moderno, que fraciona, atomiza e reduz para se chegar a um paradigma holístico contemporâneo, que articule, relacione tudo com tudo e possa ver a coexistência do todo e das partes: “Enfim, Todas as coisas devem ser contempladas na e através de sua relação eco - organizadora com o meio ambiente cósmico, natural, cultural, econômico, simbólico, religioso e espiritual”. Segundo ele:

Urge, pois alimentar uma postura global, quer dizer, pensar globalmente e agir localmente; e de pensar localmente e agir globalmente. Como Edgar

Amorim, o grande teórico da complexidade, chamou a atenção, o novo pensar planetário não opõe o universal ao concreto, o geral ao singular. O universal se tornou singular porque cada singular é parte e parcela do universo. O concreto é o universo terrestre, dentro do qual vivemos, nos movemos e somos. Assistimos hoje de forma extremamente densa, ao nascimento do universal concreto: a “planetização”, novo patamar da Terra e da humanidade. (BOFF, 2009, p.26).

Estendendo esse conceito para a educação podemos nos perguntar: Que ética e que moral importa viver nessa era? Pensando em educação de forma ampla, certamente com nova concepção de mundo e do ser humano é imprescindível ter consciência de que: “para nova música, novos ouvidos”. Em outras palavras, surge a necessidade urgente de um “ethos mundial”. Como fundar uma ética planetária por meio do vínculo com a educação?

Aristóteles, Rousseau e Kant deixaram um dos maiores legados, que viver em sociedade demanda uma coerente e constante preparação no que se refere à formação moral. Pressuposto que ganha ênfase atualmente principalmente em sociedades que primam por um modo de vida democrático. Um resumo de suas propostas educativas:

Como a dimensão moral estava intrinsicamente vinculada aos ideais educativos postulados, sua ausência simplesmente comprometeria tal modelo: formar o homem, para Aristóteles era formar na virtude. Para Rousseau, formar o homem, dentro do espírito de um esclarecimento crítico, é formar um sujeito capaz de viver autonomamente em uma sociedade republicana governada pela vontade geral. Kant, recolhendo a herança rousseauiana em novas bases, entende que formar o homem é formá-lo em vista de um estado de coisas melhor no futuro. Em comum entre estes três autores está o aspecto de que, no que tange ao caráter, este só pode se constituir quando o sujeito for firme em seus propósitos e determinações, o que possibilita haver constância nas decisões e ações pessoais. Contudo a fortaleza do caráter é resultado de um longo e interminável processo formativo que se alicerça não no ensinamento verbal da virtude, mas sim no seu aprendizado por meio do hábito (Aristóteles) e da experiência direta com as coisas e pessoas. (Rousseau e Kant). (TORRES, 2014, p.482).

Conclui-se que o que há de comum entre essas três perspectivas clássicas é a ideia de que a educação implica uma dimensão ética associada ao domínio sobre si. Para Aristóteles a educação para a virtude tem como consequência a formação do caráter. A razão como mediadora entre os prazeres e as dores possibilita o cultivo de hábitos e o controle sobre si. Para Rosseau a educação moral é a formação para a virtude, contra vícios de caráter que igualmente exige domínio de si mesmo. Para Kant

a razão pode ser educada, de forma a guiar a vontade de modo racional, o que possibilita pensamento de forma autônoma e a formação de caráter.

Vivemos um momento crítico, muitos são os desafios do nosso tempo, daí a urgência em buscar formas mais cooperativas de convivência. A educação vinculada à espiritualidade pode ser o fio condutor para tal transformação. Salvar o planeta e assegurar condições de desenvolvimento e de evolução do ser humano com o propósito de realização a partir da essência humana como proposta de criar um novo sentido ético e moral.

Concordo com BOFF (2011, p.28): “Se não nascer do cerne essencial do ser humano, não terá seiva suficiente para dar sustentabilidade a uma nova florada humana com frutos sadios para a posteridade”, porque a transformação externa é sempre resultado da mudança interior de cada um.

Devemos todos beber da própria fonte. Auscultar nossa natureza essencial. Consultar nosso coração verdadeiro. Essa dimensão frontal deverá suplantar a desesperança imobilizadora e a resignação amarga. Deverá, outrossim, complementar os caminhos insuficientes referidos acima. Quer dizer, essa dimensão frontal será a base para um novo sentimento religioso. Criará um novo sentido ético e moral. Propiciará uma nova razão instrumental, emocional e espiritual que transformará a ciência, a tecnologia e a crítica em medicina para a Terra e para a humanidade. Uma nova ética nascerá de uma nova ótica. Qual será essa ótica? Qual será essa dimensão seminal do humano, capaz de sustentar uma nova aventura histórica? De que *ethos* precisamos? Daquela que se opõe à falta de cuidado, ao descuido, ao descaso e ao abandono? (BOFF, 2011, p.28).

O vínculo entre ética e educação deve ser fortalecido pelos processos educacionais com base em princípios, valores, para não reduzir a educação apenas à instrução.

Primar pelo vínculo entre ética e educação implica fazer frente aos determinismos que ameaçam a autonomia dos sujeitos. A autonomia, a partir de Rousseau e Kant, é justamente um dos elos fundamentais em que a ética e a educação se encontram. Esse aspecto reveste-se de uma importância singular em razão de que não raramente encontramos a heteronomia consentida, no sentido a que se referia Kant (1985) em seu famoso opúsculo sobre o esclarecimento. Quando essa relação entre ética e educação é enfraquecida em razão de processos educativos que visam apenas a uma melhor adaptação dos sujeitos ao meio social, então a busca pela vontade livre e consciente do sujeito (autorregulada) é substituída pela interiorização de regras morais impostas pelo meio social via processos de socialização heteronômica ou deixada de lado por âmbitos educativos que reduzem a educação apenas à instrução. (TORRES, 2014, p. 484).

A educação vista como formação do ser deve ter o cuidado em não determinar ou impor regras morais privando a autonomia do sujeito da prática da ética por consciência própria. Ao estudarmos o significado de ética e de moral conclui-se que articulam-se intrinsecamente. Quando afirmamos que uma pessoa não possui ética significa que esta não possui princípios, dela não se pode esperar comportamento coerente. Por outro lado quando dizemos que essa pessoa não possui moral, significa dizer que essa pessoa não possui virtudes. Pode também ocorrer que uma pessoa não possua nem ética nem moral. Exemplo:

Essa pessoa não possui virtudes, mente, engana clientes, rouba dinheiro público, explora trabalhadores, faz violência em casa.” Essa pessoa pode até ter ética (princípios e valores fundamentais), mas age em contradição com os seus princípios. Pode ocorrer que a pessoa não possua nem ética nem moral: age aleatoriamente, consoante seus interesses mais imediatos. Não tem princípios e atua consoante as vantagens individuais. Exemplo disso pode ser o de uma modelo ou atriz que se deixa fotografar nua, em poses provocantes, em revistas de grande circulação, em troca de muito dinheiro. A alegação de que se trata de “nu artístico” ou de que é “um trabalho profissional” não desculpa a falta de ética (princípios, atitudes fundamentais) e a falta de moral (atos contrários aos princípios). Outras artistas igualmente formosas, mas com ética e moral, jamais venderiam sua imagem por dinheiro nenhum, exatamente para não contradizer sua ética e moral. (BOFF, 2009, p. 32).

O recente cenário brasileiro repleto de escândalos políticos, aumento da criminalidade, indiferença em relação aos menos favorecidos, condutas abusivas de empresas prestadoras de serviços e tantas outras formas de tirar vantagens, não se limitam às instituições públicas, mas, atingem também no domínio privado.

Laços de solidariedade entre as pessoas estão sendo corroídos por comportamentos imorais e amorais, condição para uma vida mais produtiva e feliz. Surge assim a necessidade de uma mudança de paradigmas, uma vez que todos nós, agente institucional ou pessoa física, somos responsáveis pela paisagem do mundo moral em que vivemos.

Leonardo Boff (2009) fala de uma ética ecocentrada, que representa a cristalização de uma nova consciência planetária e ecológica, dentro de uma visão ética integradora e holística que considera a relação entre a pobreza, degradação ambiental, a injustiça social, conflitos étnicos, paz, democracia, ética e crise espiritual.

O autor refere-se à “Carta da Terra”, código universal de conduta que pode ser compartilhado por todos os povos, enfim por todas as pessoas.

Seus formuladores dizem-no claramente: A carta da Terra está concebida como uma declaração de princípios éticos fundamentais e como um roteiro prático de significado duradouro, amplamente compartilhado por todos os povos. De forma similar à Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, a Carta da Terra será utilizada como um código universal de conduta para guiar os povos e as nações na direção de um futuro sustentável. (BOFF, 2009, p.70).

A carta divide-se em quatro partes: um preâmbulo, princípios fundamentais, princípios de apoio e conclusão. Os conteúdos éticos se resumem em 15 princípios fundantes do novo ethos mundial, que nascem de quatro princípios fundamentais: Respeitar e cuidar da comunidade de vida; Integridade ecológica; Justiça Social, Econômica e Democracia; não violência e paz. Enfim, a carta expressa a confiança na capacidade regenerativa da terra e a responsabilidade dos seres humanos de aprender a amar e a cuidar do lar comum.

Outro autor que escreve sobre a necessidade de uma ética para a humanidade para contemplar os desafios do tempo presente é Küng (1993). Ele apresenta o resultado de seus estudos, viagens para grandes espaços culturais e econômicos da terra e encontros com pessoas das mais diferentes religiões, raças e classes. Segundo ele:

O que se coloca para mim como resultado é a necessidade de uma ética para a humanidade. Nos últimos anos, ficou-me cada vez mais claro que este mundo em que vivemos terá uma chance de sobreviver se nele não mais existirem espaços para éticas diferentes, contraditórias ou até conflitantes. Este mundo uno necessita de uma ética básica. Certamente a sociedade mundial não necessita de uma religião unitária, nem de uma ideologia única. Necessita, porém de normas, valores, ideais e objetivos que interliguem todas as pessoas e que todas sejam válidas. (KÜNG, 1993, p.8).

Küng (1993) não idealiza as religiões, mas defende a ideia de que cabe às religiões mundiais uma responsabilidade especial pela paz no mundo. Incentiva a promoção de diálogo e combate as guerras e a prática de fanatismo. Entre tantos questionamentos em seu livro, o autor questiona: Para que uma Ética? Segundo ele todo fenômeno humano é ambivalente, as religiões também realizaram a sua função moral de forma ambivalente, então é possível as pessoas viverem moralmente sem uma religião?

Também pessoas crentes deveriam reconhecer que é possível levar uma vida moral sem religião. Porém, em que medida isso é possível?

(1) Há motivos biográfica-psicológicos suficientes para que pessoas contemporâneas esclarecidas queiram renunciar a uma religião que ficou reduzida ao obscurantismo, à superstição, à ilusão e ao “ópio” para o povo.

(2) Empiricamente não se pode negar que pessoas não-religiosas também estão imbuídas de orientações éticas fundamentais e que levam uma vida moralmente orientada. Também não se pode negar que, não raras vezes, houve na história pessoas não-crentes, mas sim religiosas, demonstraram em sua vida um novo sentido para a dignidade humana e muitas vezes se engajaram, de uma forma religiosa, por emancipação, por liberdade de consciência, liberdade religiosa, e outros direitos humanos.

(3) Antropologicamente não se pode negar que muitas pessoas não religiosas também desenvolveram e possuem objetivos e prioridades, valores e normas, ideais e modelos, e critérios fundamentais para aquilo que é certo e errado.

(4) Também, filosoficamente, não se pode negar que às pessoas como seres racionais cabe uma verdadeira autonomia humana. Mesmo sem uma fé em Deus, esta autonomia humana lhe permite ter uma fé fundamental na realidade e levar a sério a sua responsabilidade no mundo. Isso se pode chamar de auto responsabilidade e responsabilidade com o mundo. (KÜNG, 1993, p. 62,63).

Após pesquisar sobre o que alguns autores pensam sobre a importância de uma ética que possa mudar o futuro da humanidade, penso que a ética vai além da religião, pois defende uma verdadeira autonomia em todas as decisões práticas da pessoa humana e o respeito mútuo entre crentes e não-crentes. Para que aconteça a paz entre os povos e entre as pessoas é importante reconhecer que as pessoas religiosas, sejam budistas, cristãs, muçulmanas, hindus, judias, taoístas e outras tantas correntes de pensamento, ou pessoas não religiosas, mas humanistas, também se engajam pela dignidade e direitos humanos.

A ética yogue também tem, entre outros princípios, a não violência, que tem a finalidade de manter um equilíbrio dinâmico, isto é, no movimento dinâmico e transformador da vida surgem novas situações e circunstâncias em que devem ser tomadas decisões adequadas. Devido a variedade de culturas as pessoas têm ideias diferentes sobre o que é certo e o que é errado e agem com bases em valores diferentes estabelecendo-se um dilema. A ética yogue, além de ajudar a superar esses dilemas, fornece uma estrutura para desenvolver a harmonia mental e a expansão da consciência.

Para se tomar qualquer decisão a respeito do que é certo ou errado é necessária a aplicação de determinados objetivos e valores. Esses objetivos e valores podem ser egocêntricos ou altruístas, podem ser criados por nós

ou adotados, mas independente de sua origem ou natureza aparente, não podemos evitar seu efeito consciente ou inconsciente, na maneira de conduzirmos nossas vidas.

De fato, se analisarmos nossas ações, verificaremos o quanto valores pessoais e sociais as influenciam constantemente. Normalmente ignoramos o seu papel, tendo em conta que estão incorporados a nossa rotina diária e nossa cultura. Eles afetam nosso relacionamento com parentes, amigos e vizinhos; determinam o modo de lidarmos com o mundo físico e influenciam até nossos hábitos alimentares. (SARKAR, 1991, p.45).

Os princípios desta ética milenar são seguidos atualmente por seus adeptos porque podem ser seguidos por qualquer pessoa, praticantes de yoga e meditação ou não. Sabemos que vivendo em comunidade o que afeta uma pessoa também pode afetar outra. No ocidente, nas últimas décadas, surgiu uma consciência maior da natureza holística, essa consciência de que todos somos co-responsáveis por nossas ações, uma vez que até mesmo os físicos dizem que até mesmo uma única partícula atômica, se mudar o curso, pode criar uma cadeia de reações e afetar o todo.

A pós-modernidade exige uma ética para a humanidade com valores, ideais princípios, visões e objetivos comuns que venham a contribuir para a melhora do ser humano e de seus relacionamentos. A ética yogue segue princípios de harmonização interna (da pessoa com ela mesma) e externa (com os outros), que podem ser seguidos ou praticados por qualquer pessoa, independente se praticante ou não do yoga.

O método ou a prática de yoga com base nos ensinamentos do Mestre Patanjali é considerado uma ciência sagrada. Técnica milenar de auto-realização que foi experimentada e vivenciada por um grande número de santos, sábios e ocultistas que não só constataram a eficiência como foram aprimorando o método a fim de lograr e explorar os mais profundos domínios da mente e da consciência.

A prática consiste em posturas corporais (a'sanas em sânscrito), cuja origem vem de um ramo da yoga conhecido como Hatha Yoga, exercícios respiratórios de purificação do corpo e da mente (pranayamas), meditação e os princípios de Yama (controle), cinco princípios que dizem respeito ao nosso relacionamento com a sociedade e o mundo objetivo e Nyama (auto-controle), contém também cinco princípios que dizem respeito à manutenção da harmonia e do equilíbrio mental, que servem de orientação prática à conduta que são não somente os fundamentos da meditação como princípios de harmonização consigo mesmo, com o outro e com o ambiente onde está inserido.

Os cinco princípios de Yama são: Ahim'sa, Satya, Asteya, Brahmacharya e Aparigraha. Os cinco princípios de Nyama são: Shaucha, Santos'a, Tapah, Sva'dhya'ya e Ishvara Pran'idha'na que mais adiante poderemos ver a essência de cada um desses dez princípios que conduzem à paz tão necessária aos dias atuais.

A paz é um estado natural da mente que leva à felicidade, natureza intrínseca da natureza humana, porém é necessário saber o que é felicidade para não correr o risco de defini-la de modo a trazer-nos infelicidade. Vejamos o que nos diz um trecho do livro com base nos ensinamentos do Mestre Yogue (SARKAR, 1991) sobre esse assunto:

A felicidade é geralmente vista em termos de satisfação de um determinado desejo ou de determinada experiência e, assim, para serem mais felizes, as pessoas tentam possuir mais bens materiais ou ter maiores experiências. Entretanto, uma observação mais profunda mostra que a verdadeira felicidade é um estado de paz mental. Esta paz é natural à mente. Portanto, sempre que é perturbada por desejos ou tensões, a mente procura se libertar dos mesmos a fim de retornar ao seu estado anterior. Assim, o equilíbrio deve ser mantido em todos os aspectos da vida para se conseguir paz mental e felicidade. A não satisfação das necessidades básicas ativa a ação instintiva, perturbando a paz mental. Da mesma forma, a procura de uma felicidade duradoura através da satisfação de desejos por objetos finitos traz à mente um estado de constante agitação. (SARKAR, 1991, p.64).

O que não significa que para uma pessoa seguir princípios espirituais deva ter uma vida miserável, pois isso também dificulta sua evolução em vários aspectos. Entendo que o autor refere-se que não devemos nos engajar na conquista de objetos supérfluos.

Agora, para entender melhor, uma breve pincelada no significado de cada um desses princípios. O primeiro princípio de harmonização interna, *Ahim'sa* significa guiar a conduta e o pensamento cuidadosamente de modo a evitar qualquer intenção de causar danos a outros seres, em outras palavras cada indivíduo tem responsabilidade sobre o bem estar de todos os seus semelhantes no que se refere a evitar que o dano seja causado quando se pode fazê-lo. Responsabilidade que se estende aos seres humanos bem como a todas as formas de vida. Imaginemos que se todos se conscientizarem somente deste princípio em todos os setores da sociedade haverá uma transformação na humanidade. Requer senso de não discriminação humana a fim de que a ação possa envolver o mínimo de dano ou de uso da força.

Outro princípio não menos importante, é o *Satya* que significa o uso benevolente de palavras e pensamentos, isto é, a prática da honestidade levando-se em consideração o bem estar do semelhante, o que é diferente de falar a verdade absoluta. É preciso estar atento e compreender bem esse princípio para que não haja distorções.

Percebe-se que até aqui são medidas simples a serem adotadas por cada um de nós que podem proporcionar resultados valiosos. O princípio denominado *asteya* cujo significado é não se apropriar do que por direito pertence a outro, isto é, não roubar, não privar outras pessoas do que lhes é devido. Dentro deste princípio, vários são os exemplos para ilustrar seu significado.

Vale lembrar que o roubo não se refere apenas a ação, mas se estende além, porque muitas vezes alguma coisa impede que a ação seja concretizada porém houve o planejamento mental. É necessário que o ser esteja consciente para que possa romper com a tendência porque sempre haverá oportunidades.

O quarto princípio, dentro dos cinco de Yama, princípios de harmonização com os outros, chamado de *Brahmacarya*, significa desenvolver uma visão que vai além das coisas materiais, atribuir um sentimento cósmico, a cada ação, a cada objeto para desenvolver uma consciência espiritual, criando um relacionamento cósmico entre o indivíduo e o universo. Este é um princípio considerado importante pelo fato de tornar os outros demais comportamentos naturais e espontâneos. Este princípio tem sido, às vezes, mal interpretado por uma elite que busca superioridade religiosa, como a prática do celibato para a realização espiritual. No entanto independente se as pessoas são casadas ou não a consciência espiritual pode ser alcançada.

O quinto princípio chama-se *aparigraha* e significa manter equilíbrio quanto aos bens materiais, ter o suficiente para manter um padrão de vida razoável evitando supérfluos. O padrão mínimo aceitável varia de acordo com a riqueza, recursos e a natureza de cada sociedade. Cabe a responsabilidade da sociedade garantir que sejam asseguradas as necessidades básicas de cada indivíduo.

O apego a objetos que não temos uma necessidade real pode criar valores materialistas, em outras palavras, a essência desse princípio é não se deixar levar por excessos mas atender apenas as próprias necessidades. Quanto maior o apego às coisas do mundo exterior, maior será a dificuldade de manter a mente calma o que pode retardar o progresso espiritual. A variação de necessidades varia de pessoa para

pessoa devendo também ser levado em conta. Por exemplo, uma bicicleta que pode atender a necessidade de uma pessoa pode não satisfazer a de um médico, pois um carro pode ser de fundamental importância devido sua profissão.

Niyama são os princípios de harmonização interna e de autocontrole. *Shaoca*, o primeiro dos cinco princípios, significa manter a limpeza do corpo, do ambiente e da mente. Assim como a higiene pessoal exerce um efeito sutil sobre a mente, a limpeza da casa, um passeio pela praia ou parque promove um sentimento de pureza e clareza mental. Este princípio está relacionado também à nossa perspectiva mental e está diretamente ligado à pureza mental. É comprovado que tendências mentais negativas e pensamentos impuros criam impressões que influenciam de forma negativa no nosso comportamento.

O controle, dentro do enfoque iogue consiste em reconhecer que a raiz dos problemas mentais encontra-se nos níveis, físico, mental e espiritual da existência humana. A saúde mental duradoura somente pode ser alcançada quando esses três níveis são considerados. Portanto para erradicar essa tendência e evitar que se transforme em hábito os pensamentos negativos, que enfraquecem a vontade e dificultam o controle no futuro, o melhor é não permitir que a pureza mental seja maculada com tempestades, remover as causas, redirecionando as tendências de forma positiva, estabelecendo um estado mais elevado da mente dá mais resultado do que alimentar ou reprimir um desejo negativo, causa comum de complexos psicológicos e comportamento desequilibrado.

O segundo princípio chamado *Santos'a*, cujo significado é manter um estado de equanimidade mental, de contentamento, só é possível quando no íntimo do ser a estabilidade da paz não é afetada pelos desejos das camadas superficiais da mente, o esforço em satisfazê-los e o desconforto da frustração da sua não satisfação.

Um exemplo para ilustrar este estado é na comparação do ser com o reflexo da lua sobre o mar, somente se este estiver perfeitamente calmo a beleza da lua pode ser apreciada. A felicidade é vista em termos de satisfação de um determinado desejo ou de determinada experiência, entretanto uma observação mais profunda mostra que a verdadeira felicidade é um estado de paz mental. A satisfação de desejos por objetos finitos não traz felicidade duradora, muito pelo contrário, traz um estado de constante agitação à mente.

O terceiro princípio, *tapah*, se traduz em aliviar o sofrimento dos outros por meio de sacrifício pessoal. Este é um meio mais rápido e eficaz de expansão mental e de evitar que a mente se torne egocêntrica.

Sva'dhya'ya é a compreensão e clareza sobre assuntos espirituais. O estudo da filosofia como pré-requisito para evitar as armadilhas dos dogmatismos, este é o quarto princípio.

O quinto princípio de *nyama, lishvara Pran'idha'na* significa aceitação da Consciência Cósmica como a maior meta da existência, este é um esforço puramente mental e um princípio inteiramente interno em que a mente se desliga das preocupações terrenas por meio da meditação.

Então podemos ver que vários são os caminhos que contribuem para o desenvolvimento integral do ser humano, seja através da espiritualidade, das religiões ou princípios éticos e morais. Evidentemente que, quanto às religiões, é dentro de uma perspectiva ética mundial que vi se o bem das pessoas. Um dos caminhos de desenvolvimento do ser por meio da espiritualidade são práticas que usam a meditação como meio de autoconhecimento. Em Vou agora falar brevemente de alguns benefícios da meditação, porém antes quero instigar o leitor a se questionar: O que é meditação? Por que meditar?

Meditação com base na ciência eterna denominada de Tantra, cujo significado é “aquilo que libera da escuridão”, tem por objetivo a expansão da consciência, um estado que vai além do ego inibidor e da fragmentação da realidade. A era da informação tem gerado uma corrida desenfreada em busca do domínio de mercados em rápida expansão e a medida que a sociedade se torna mais urbanizada surgem novos e complexos dilemas e as pessoas sofrem as consequências nos níveis físico, emocional e social decorrentes de tensões, stress, pressões psicológicas e ambientais que resultam numa desintegração da personalidade. A meditação Tântrica vai além de gerenciar o stress, pois leva a um estado elevado de consciência.

O stress levado a seu ponto máximo levou à necessidade de se encontrar um meio de alcançar a coesão interior. Psicólogos e pesquisadores na área de Psicologia começaram a verificar a eficácia de técnicas de meditação que expandem a mente para a reintegração da personalidade. (SARKAR, 1991, p.10).

Todavia a meditação tântrica é mais que um processo para solucionar problemas de stress, pois tem por objetivo a elevação do indivíduo a um estado de

liberação da consciência. Um dos benefícios notáveis da meditação é uma atitude mental correta uma vez que elimina a ansiedade e o stress emocional proporcionando calma interior e contentamento a quem pratica. A ciência moderna tem comprovado e demonstrado bons resultados quanto aos efeitos positivos tanto em estados psicológicos e emocionais quanto às mudanças fisiológicas. Benefícios como: estabilização da pressão sanguínea em pacientes com tendência à pressão alta e diminuição do sistema nervoso simpático podem ser sentidos ao longo do dia após a Prática da meditação.

Segundo os ensinamentos do Mestre Shrii Shrii A'nandamu'rti, mestre yogui: "A verdadeira educação é aquela que conduz à liberação", entendo como algo muito profundo, pois envolve aspectos físicos e psíquicos. Outros benefícios da meditação:

Outros efeitos incluem: aumento da oxigenação, reduzindo a produção e o acúmulo do ácido láctico nos músculos e consequentemente a fadiga dos mesmos; redução significativa da pulsação cardíaca – eletrocardiograma revelam uma diminuição média de 8 batimentos por minuto: maior resistência da pele, juntamente com o aumento da percepção auditiva bem como do reflexo e da coordenação motora; mudanças significativas nos registros encefalográficos – tem sido demonstrado que o ritmo Alfa aumenta em amplitude, diminui em frequência e se estende a canais profundos do cérebro – isto exerce um grande efeito no tratamento de certas doenças. (SARKAR P.R. 1991 p.27).

3- CONCLUSÃO

E assim, ao concluir esta pesquisa bibliográfica que mostra o pensamento de diversos autores no que diz respeito à importância do resgate dos valores humanos universais e do desenvolvimento das habilidades de convivência para uma sociedade mais fraterna e cooperativa, a partir da ética, e dos quatro pilares da educação: aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer, na busca de tornar a gestão escolar mais democrática e que venha a contribuir para a formação do ser.

Sabemos que a humanidade vive um momento de distanciamento entre as pessoas, diante do grande envolvimento e mau uso do avanço tecnológico, o que vem afetando os relacionamentos de toda ordem. Desenvolver processos de humanização torna-se necessário na educação e deve partir de um novo olhar da gestão que contemple as exigências do novo milênio e que favoreçam uma educação integral que vise a formação do ser.

Relembrando o que dizem alguns autores sobre essa questão, pode-se dizer que de uma forma geral que todos concordam que deve haver uma mudança de paradigmas em relação à gestão escolar no sentido de que o conhecimento não deve se limitar às disciplinas, mas deve ir além da intelectualidade. Transformação que se torna possível a partir de uma visão holística do ser humano.

Dalai Lama (2002) enfatiza que uma única religião não pode contemplar a felicidade frente à diversidade humana e vê como fator decisivo a necessidade de

compreensão da estreita relação entre o ser e o mundo em que habita. Na Gestão Escolar vê como aliados na mediação de conflitos, a mobilização na busca de desenvolvimento espiritual com base na ética e no resgate de valores, porém não como uma imposição, mas que a disciplina ética seja adotada de forma consciente e voluntária.

Piaget (1973) fala que a sociedade contemporânea carece de valores universais absolutos, essa carência gera extrema inversão de valores e assim a competitividade substitui a cooperação.

Leonardo Boff (2011) nos traz à lembrança a importância do “Cuidar”, reforçando e revitalizando a dimensão da existência para um novo paradigma civilizatório através da espiritualidade e do cuidado com o outro. Exemplificando muito bem com o brinquedo de invenção japonesa que virou mania em que o cuidado é transferido para um aparelho eletrônico (tamagochi), ao invés de investir em pessoas concretas, sinônimo de solidão. Este autor também cita que a física quântica demonstrou que tudo está conectado, falta na humanidade desenvolver uma consciência holística, ecológica e espiritual que não se limite aos cinco sentidos, mas que vá além do realismo materialista que exclui o fenômeno da subjetividade, pré-condição para gestarmos com atitude de maturidade e sabedoria na busca de outros caminhos para soluções de conflitos e agressividade.

Dentro dessa linha de pensamento Regina Célia Sarmiento, Psicóloga, em sua Monografia: Psicologia Transpessoal e Espiritualidade (2009), afirma que o aspecto transpessoal contribui para o autoconhecimento e a transformação humana.

Martinelli (1999) diz que quando um professor vê com os olhos do coração muda a percepção de si, do semelhante e do mundo e desperta para o que é real e verdadeiro da existência.

Dalai Lama (2000) como líder espiritual atribui à falta de trabalhos voltados às questões subjetivas os problemas de desrespeito e agressividade enfrentados na escola.

Segundo a tradição Rousseaiana, que tem como herdeiro Kant, a educação é a mais árdua de todas as tarefas humanas, ele divide a educação em duas dimensões: a primeira, a física, que se ocupa da formação do homem quanto à sua natureza, isto é, a educação do corpo e do espírito, visa o cultivo de suas faculdades sensitivas. A segunda, a prático-moral: que abrange as faculdades intelectuais inferiores (memória,

engenhosidade, imaginação e outras) e o desenvolvimento das faculdades intelectuais superiores, como o entendimento, o juízo e a razão.

A pesquisadora e neuropsicóloga Regina Migliori defende a prática meditativa por acreditar que favorece o desenvolvimento de uma consciência social, autoconhecimento e valores que contribuem para a cultura da paz e da inteligência ética.

Dentro dessa ótica, a educação neohumanista, com base nos valores, defendida pelo Mestre Espiritual Yogui, Shrii Shrii A'nandamu'rti afirma que a espiritualidade não é utopia e pode ser uma filosofia que busca o equilíbrio entre o corpo e a mente, a harmonia consigo mesmo e com o outro através da prática da meditação, meio de chegar ao estado *mindfulness*, definido como estado de consciência no presente sem julgamentos, perceber as coisas como realmente são. Prática que contribui para a escola do século XXI, comprometida com a formação integral do ser e que visa a cidadania e autonomia do educando.

Na visão pragmatista de Ozmon (2004) a educação deveria ser um empreendimento experimental e promover um espírito humano nas pessoas, novos interesses sociais e despertar o interesse de encontrar respostas para os atuais problemas de economia, política e outros aspectos da vida social. Entendo que essa forma de ver a educação deva partir da reconstrução de programas educacionais flexíveis por parte da gestão com base em métodos apropriados às rápidas e constantes mudanças que ocorrem a fim de atender as necessidades do mundo atual.

Concordo plenamente com o pensamento de Dewey (Ozmon, 2004), que também se refere às mudanças na vida social e à reconstrução de programas educacionais para enfrentar os desafios e afirma que uma filosofia da educação não é a simples aplicação de ideias prontas, mas sim na formação de atitudes mentais e morais para serem utilizados na abordagem de problemas contemporâneos.

Brown (1994) faz uma analogia entre o sistema econômico e a educação formal que desde cedo nos ensina a vencer os outros no processo de conseguir o que se deseja por meio da competição, diferente de uma situação de cooperação em que para que o objetivo de um indivíduo possa ser alcançado, todos os demais deverão igualmente atingir seus respectivos objetivos. Vejo essa questão como mais um ponto a ser refletido, discutido e trabalhado pela gestão que pretende desenvolver uma visão mais humanística, em que o êxito de um não requeira o fracasso do outro.

Como educadora acredito que a busca de alternativas de educação deva partir da cooperação que é um valor a ser construído. Segundo a antropóloga Margaret Mead (Brown, 1994), que fez muitas pesquisas entre vários povos indígenas concluiu que o comportamento cooperativo ou competitivo é uma forma de comportamento adquirido. Um desafio para a gestão, pois com certeza não é tarefa simples uma vez que a competição é um elemento chave e sempre presente em nossa sociedade, resultante de uma educação vertical, isto é, tradicional, o que não significa que temos que aceitar automaticamente sem se questionar ou sem criticar ou sem nada fazer para mudar.

A horizontalidade e o diálogo defendidos por Freire (Brown, 1994), permanente busca da educação popular que só se consegue com um método ativo, dialogal e participativo. Segundo Freire, verticalidade e monólogo são sinônimos de competição e dominação. Vejo que a metodologia cooperativa não se limita à sala de aula, mas que pode ser estendida a demais grupos, associações, melhorando a convivência entre as pessoas por meio da educação. Como já foi mencionado não é fácil uma vez que a competição é um elemento muito presente em nossa sociedade, porém pode ser desenvolvida a cooperação por meio de uma relação horizontal, dialogal e participativa entre todos os envolvidos no processo educativo. Lembrando que a metodologia cooperativa tem sua base teórica na psicologia social, dentro dessa linha está uma das teorias de Morton Deutsch (2016), a Teoria da Resolução de Conflitos, com base nos valores, diz que se o conflito for abordado de forma apropriada, isto é, com técnicas apropriadas pode ser um meio importante de conhecimento, amadurecimento e aproximação entre as pessoas, e se conduzido de forma correta pode também impulsionar alterações relevantes quanto à ética e a responsabilidade profissional.

Um dos maiores desafios da gestão escolar é saber lidar com diferentes formas de conflitos. Diante desse impasse e com base na Teoria do Conflito, é imperioso considerar que as partes envolvidas podem ter valores, motivações, aspirações e objetivos diferentes além da natureza que originou o conflito. Dependendo da origem do conflito a solução será negociável ou não. Se a origem deste for estrutural ou estiver relacionada a valores torna-se mais difícil a negociação, porém mais fácil se torna quando se refere às relações, informação e interesse. Mas é preciso também

levar em conta também os fatores que exercem influências sobre os conflitos, como o ambiente, natureza das questões e até mesmo interesses de terceiros.

Leonardo Boff (2009) vai além quando fala da necessidade de superar o paradigma moderno para se chegar a um paradigma holístico contemporâneo que venham a contemplar relações que alimente uma nova postura global quando se pensa em educação, defende a necessidade urgente de um “ethos mundial”. Concordo com esse autor que com nova concepção de mundo e do ser humano é preciso adequar os ouvidos para a nova música.

Para os pensadores Aristóteles, Rousseau e Kant viver democraticamente em sociedade demanda uma constante e coerente formação moral do ser. Para Aristóteles consiste em formar na virtude. Para Rosseau formar através do esclarecimento crítico leva o ser à autonomia. Um ponto comum entre estes três autores é que o processo formativo se alicerça na dimensão ética associada ao domínio sobre si. No aprendizado por meio do hábito (segundo Aristóteles), para Rosseau e Kant esse aprendizado se dá através da experiência direta com as coisas e as pessoas. Para Rosseau educação moral é formar para a virtude e exige domínio de si mesmo. Para Kant a razão pode ser educada formando assim o caráter de forma racional e autônoma. Referências fundamentais para que a busca do vínculo entre ética e educação não seja enfraquecida diante dos determinismos privando a autonomia do sujeito.

Propostas que nos remetem a criar um vínculo entre educação e espiritualidade como alternativa para salvaguardar o planeta e assegurar condições de desenvolvimento e evolução do ser humano. Em conformidade com um dos autores que contribui para um novo sentido ético e moral, Leonardo Boff (2011), certamente, princípios e valores devem nascer do cerne essencial do ser humano porque sabe-se que a transformação externa é resultante da mudança interna de cada ser.

Leonardo Boff (2009) defende uma ética ecocentrada: consciência planetária e ecológica dentro de uma visão integradora e holística. Trata-se de um código universal de conduta que visa ser compartilhado por todos os povos. Declaração de princípios éticos fundamentais denominados: “Carta da Terra”, a fim de guiar os povos em direção a um futuro sustentável com base em quinze princípios. Segundo ele a sociedade mundial não necessita de uma religião unitária nem de uma única ideologia, mas, precisa sim de normas, valores, ideais e objetivos que interliguem as pessoas e

que sejam válidos a todos. Os conteúdos éticos do novo ethos mundial nascem de quatro princípios fundamentais: Respeitar e cuidar da comunidade de vida, integridade ecológica, justiça social e econômica e democracia, não violência e paz.

Pode-se perceber que princípios éticos, valores, ideais independem de religiões ou ideologias. Küng (1993) não idealiza as religiões, porém defende a ideia de que cabe a elas responsabilidade pela paz mundial. Selecionei duas questões, entre tantos questionamentos em seu livro: Será possível as pessoas viverem moralmente sem religião? Para que uma Ética? Porque segundo ele tanto as pessoas quanto as religiões realizam suas funções morais de forma ambivalente. Para esse autor que faz uma análise quanto aos aspectos psicológicos, empírico, antropológico e filosófico quanto à vida moral de uma pessoa reconhece que não se pode negar que pessoas renunciam a uma religião reduzida ao obscurantismo, supersticismo, ilusão e ao ópio para o povo, nem que pessoas não religiosas levem uma vida moral e ética bem orientada e que seguem critérios fundamentais para o que é certo e errado. Também leva em conta que a autonomia humana e a auto responsabilidade com o mundo independe da sua fé.

Ao encerrar deixo um questionamento ao leitor: Por que não iniciar essa mudança por meio da educação, do currículo escolar, uma vez que os conteúdos disciplinares contemplam apenas o intelecto, mas deixam a desejar quanto à formação do ser humano para a vida? Por isso, deixo algumas sugestões:

- Dinâmicas e vivências de sensibilização e de harmonização física, mental, emocional e espiritual no ambiente escolar por meio da corporeidade de forma prática, dinâmica e contínua.
- Proporcionar aulas regulares e oficinas de yoga visando integração corpo/mente, com técnicas de relaxamento, de respiração e meditação como parte do currículo escolar, cientificamente comprovado como método que melhora a concentração e a memória, gerenciamento do estresse e a ansiedade entre outros benefícios.
- Oportunizar encontros periódicos para alunos e familiares através de todos os eventos organizados pela escola, palestras, filmes, teatro, jogos cooperativos, oficinas, workshop e outras atividades que possam fortalecer essa nova visão holística.

- Proporcionar oficinas de atividade física que integre corpo e mente oficinas de yoga, meditação e artes marciais no ambiente escolar no contra turno.
- Conscientização dos princípios universais de harmonia e equilíbrio interior, e com o outro, visando o resgate dos valores através de palestras com profissionais específicos, filmes, teatro e arte em geral. Através de atividades lúdicas propiciar a aproximação da família com a escola favorecendo a interação na resolução de problemas.
- Propor atividades que possam substituir a competitividade por cooperação, como é o caso dos diversos jogos cooperativos.

4 - REFERÊNCIAS

ÂNANDAMITRA, Avadhútika Ácárya. **Yoga para saúde integral**. Segunda edição em português: julho de 2000.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial**. Um consenso Mínimo entre os Humanos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar- Ética do humano-compaixão pela terra**. 7ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BROWN, Guilherme. **Jogos Cooperativos teoria e prática**. Trad. Rui Bender. São Leopoldo – RS: Sinodal, 1994.

DELL'AGLIO Débora D. / MARQUES Luciana. **A espiritualidade como fator de proteção na adolescência**. F. Caderno IHU ideia ano 7 - nº 119 - 2009 - 1679-0316 Disponível em: <https://plone.ufrgs.br/prescee/publicacoes/o-conceito-de-espiritualidade-e-sua-interface-com-a-religiosidade-e-a-psicologia-positiva/view> . Acesso em julho de 2016.

DEUTSCH Morton. **Teoria do conflito**. Disponível em: www.tjgo.jus.br/conciliacao/pdf. Acesso em: 13/11/2016.

GENTE QUE EDUCA. Disponível em: <http://gestaoescolar.abril.com.br/blogs/aluno-em-foco/2015/07/31/1075>. Acesso em: 14/08/15.

KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**: Uma moral Ecumênica em vista da sobrevivência humana-São Paulo: Paulinas, 1993.

LAMA, Dalai, Sua Santidade. **Uma Ética para o novo Milênio**, 2002.

MARQUES, L. F.; RIGO, R. M., **Comunidade Virtual Espiritualidade na Educação: atividade de extensão à distância**. In: II Encontro Internacional em Educação e Espiritualidade, Recife. Anais do II Encontro Internacional Educação e Espiritualidade, 2014.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em Valores Humanos**. 2. Ed. São Paulo: Petrópolis, 1999.

MIGLIORI Regina, responsável pelo projeto, **Projeto “Educação em Valores”**. Disponível em: Portal Namu, Acesso em: maio de 2016.

O MUNDO DA SAÚDE. Disponível em: <https://plone.ufrgs.br/prescee/publicacoes/o-conceito-de-espiritualidade-e-sua-interface-com-a-religiosidade-e-a-psicologia-positiva/view> , 2010, Acesso em julho de 2016.

OZMON, H. A. **Fundamentos filosóficos da educação**, 6. ed. Porto Alegre:Artmed, 2004.

PIAGET, Jean. **Estudos Sociológicos**. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1973.

RIBAS, Fábio. **Avanços na educação brasileira dependem da articulação entre políticas setoriais**. Disponível em:

<http://prattein.com.br/home/index.php?option=comcontent&view=cat>. Acesso em 16/07/2015.

SARKAR, P.R. **Tantra A Ciência Eterna**, Publicações A'nanda Ma'rga ISBN 0-9593190-9-X. Título Original em inglês: "Liberating the Mad Monkey. A practical Approach to Tantra". Livro com base nos ensinamentos de Shri Shri A'handamu'rti (P.R.Sarkar). Primeira edição em inglês: fevereiro, 1982.

SARMENTO Regina Célia, ALUBRAT – Associação Luso Brasileira de Transpessoal, CESBLU - Centro de Educação Superior de Blumenau Monografia: **O caminho da transformação a partir do diálogo entre textos de Jean-YvesLeloup e preleções de um Centro Espiritualista Cristão**. Campinas, SP, 2009.

SENNA, Cláudio. **Experiências práticas de Meditação**. Texto disponibilizado pelo autor, 2015.

TORRES, João Carlos Brum (org.). **Manual de Ética: questões de ética teórica e aplicada**. Petrópolis, Rj: Vozes; Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul, Rio de Janeiro: BNDS, 2014.

